

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.817>

CODÓ: uma África sertaneja¹

CODÓ: a countryside Africa

CODÓ: un África campesina

JOSÉ REINALDO MIRANDA DE SOUSA

Doutor em História Social (PUC-SP)

Professor do CEU Jambouro; SME, Prefeitura Municipal de São Paulo.

São Paulo, São Paulo, Brasil.

mirandadsousa@gmail.com

Resumo: Este artigo faz parte da minha pesquisa de doutoramento e trata-se de um breve sobrevoo sobre a presença africana em Codó. Procurou-se, nesse estudo, colaborar para que se tornassem cada vez mais visíveis as contribuições culturais trazidas pelos africanos, especialmente no que se refere a Codó, que aqui nos referimos como uma “África sertaneja”. Os africanos, a partir do século XVIII, passaram a ser o maior contingente da população maranhense. Ressalte-se que os africanos não serão tratados aqui de forma essencialista, pois trata-se de culturas híbridas, em virtude do próprio processo vivido por esses povos, ainda no continente africano, a partir do contato com europeus e outras culturas. São esses sujeitos que, em contato com essa nova terra e outros povos, aqui se encontraram e criaram novas formas de viver e de se manifestar culturalmente, ressignificando suas experiências, fazendo-se visível, especialmente do ponto de vista de suas religiosidades que se fazem presentes em Codó.

Palavras-chave: Codó. Hibridismo. Religiosidade.

Abstract: This article is part of my PhD research and it is a brief overflight on the African presence in Codó. In this study, we sought to collaborate so that the cultural contributions brought by Africans became increasingly visible, especially in regard to Codó, which we dub here as a “countryside Africa”. Africans, from the 18th century, became the largest contingent of the population of Maranhão. It should be noted that Africans will not be treated here in an essentialist manner, as we are referring here to hybrid cultures, due to the very process experienced by these peoples still on the African continent, from their contact with Europeans and other cultures. These are the subjects who, in contact with this new land and other peoples, have met and created new ways of living and of manifesting themselves culturally, re-signifying their experiences, making themselves visible, especially from the point of view of their religiosities that are present in Codó.

Keywords: Codó. Hybridity. Religiosity.

Resumen: Este artículo es parte de mi investigación de doctorado y es un breve vuelo sobre la presencia africana en Codó. En este estudio, buscamos colaborar para que las aportaciones culturales que traen los africanos se hicieran cada vez más visibles, especialmente en lo que respecta a Codó, al que aquí nos referimos como un “África campesina”. Los africanos, a partir del siglo XVIII, se convirtieron en el mayor contingente de la población de Maranhão. Cabe señalar que aquí no se tratará a los africanos de manera esencialista, ya que son culturas híbridas, debido al propio proceso vivido por estos pueblos, aún en el continente africano, a partir del contacto con los europeos y otras culturas. Estos son los sujetos que, en contacto con esta nueva tierra y con otros pueblos, se han encontrado y creado nuevas formas de vivir y de manifestarse culturalmente, resignificando sus vivencias, haciéndose visibles, especialmente desde el punto de vista de sus religiones presentes en Codó.

Palabras clave: Codó. Hibridez. Religiosidad.

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

Introdução

Pensar Codó na perspectiva de uma África sertaneja é fazer emergirem as experiências e culturas dos sujeitos, “nada de pureza africana – muito pelo contrário -, o negro enlaçou-se de modo plástico por todos os poros da vida brasileira [...]. Permanece, de modo mágico-religioso, a recriar todo o mapa geo-histórico das culturas do Brasil”².

Nesse contexto, insere-se o território codoense, pois, como diz Gilroy³, “o conceito de espaço é em si mesmo transformado quando ele é encarado em termos de um circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais”. É assim que se formam as culturas em diásporas, ao se sobreporem umas às outras, mostrando as diversas faces que assumem a própria constituição dos territórios.

Codó tem sua origem juntamente com o processo de colonização do interior do Maranhão, através dos grandes rios. O rio Itapecuru desempenhou um importante elo entre o litoral e o interior, figurando como meio para o encontro das duas frentes de ocupação da Província, a frente litorânea e a frente da pecuária, constituindo, desde então, um processo diaspórico. Processo este visto aqui do ponto de vista do movimento de pessoas e de culturas, desde os tempos coloniais, com os deslocamentos dos africanos escravizados, que eram levados, a partir do litoral, para as grandes fazendas no vale do rio Itapecuru, hoje um corredor de grande número de comunidades quilombolas, que têm origem a partir da chegada dos africanos. Trata-se de uma região de muita importância econômica, para a Província, em função da cotonicultura, da rizicultura, do estabelecimento de engenhos e da pecuária.

Ressalte-se que o contingente de africanos para Codó foi ainda mais expressivo, como se pode notar na atualidade, pois a base da população do município é constituída de afrodescendentes, que têm sua origem nos povos de África, para lá trazidos em meados do século XVIII, pois o vale do Itapecuru se transformou em grande celeiro de arroz e com destaque para o algodão, as duas grandes riquezas do Maranhão, naquele momento, sendo o algodão destinado ao mercado externo, colocando Codó em destaque como um importante polo produtor e industrial, tornando-se a terceira mais importante cidade da Província.

Codó destacava-se como local das melhores terras para o cultivo e já como ponto

² AZEVEDO, Amailton M.; ANTONACCI, Maria Antonieta M. Diásporas. *Projeto História: Diásporas*, São Paulo: EDUC, n. 44, 2012. p. 8.

³ GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.p. 20-21.

comercialmente importante da ribeira do rio Itapecuru. Nesse período, ocorreu a vinda dos vaqueiros, que também seguiam o curso dos rios, adentrando o interior da Província para o desenvolvimento da pecuária, como trabalhadores livres, pois a atividade assim o exigia, ou seja, esses trabalhadores estavam em constante movimento, acompanhando o gado no curso dos rios, onde se encontravam as melhores pastagens.

Conforme menciona Cabral, o vale do rio Itapecuru foi “atingido pelas duas frentes de colonização, serviu de área de plantação das grandes fazendas voltadas ao plantio de algodão e arroz e também de criação de gado, frente pastoril”⁴, a isso também se pode acrescentar que aí se deu o encontro de culturas que se hibridizaram e se ressignificaram.

Codó: caracterização

Situado no vale do rio Itapecuru, distante 290 km da capital São Luís e 115 km de Teresina, capital do Piauí, fator que facilita o acesso à capital piauiense, Codó ocupa uma área de 4.361.341km².

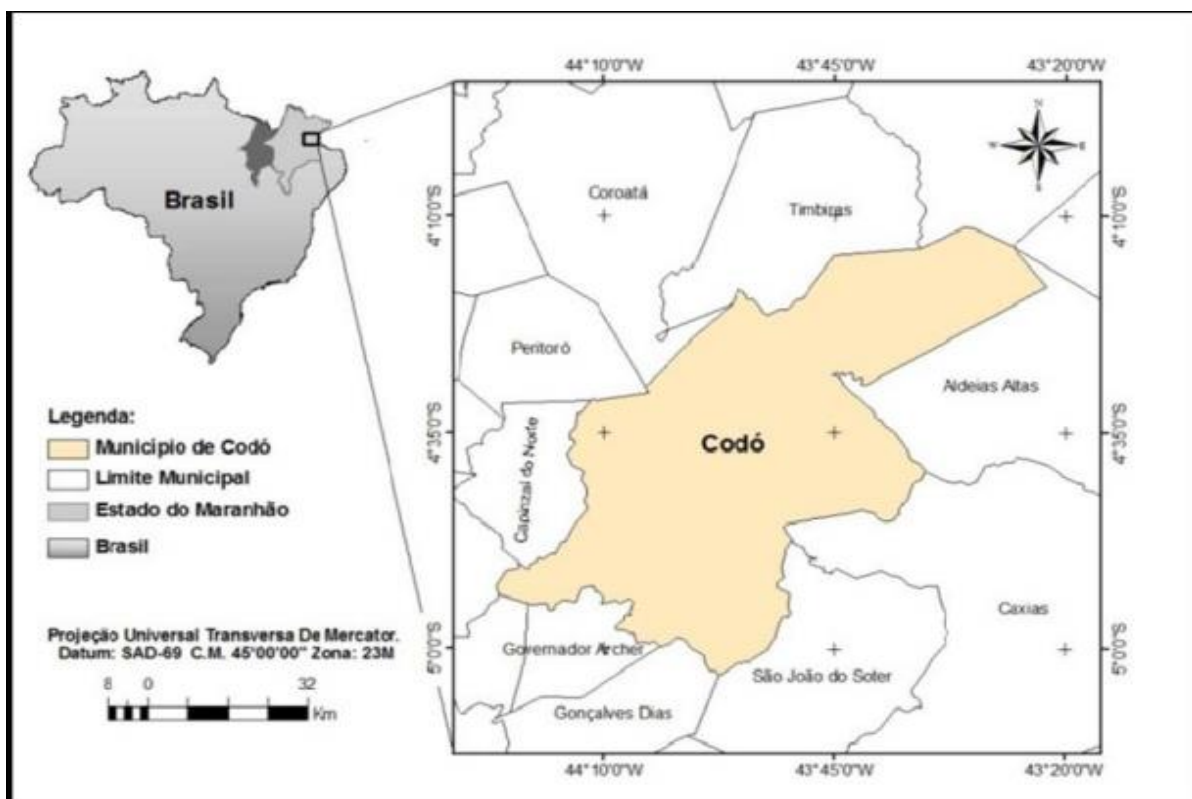
Desde o período colonial, como já mencionado, Codó foi um grande produtor de algodão, tornando-se um importante polo industrial do estado, no setor têxtil, com a implantação da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão⁵, que produzia algodãozinho, brins, mesclas, riscados e sacarias.

O mapa a seguir mostra a localização geográfica do município de Codó,

⁴ CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*. 2. ed., São Luís: Edufma, 2008. p. 91.

⁵ Ícone da modernidade, instalada em 1892.

Mapa 1: Município de Codó



Fonte: Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br>

Codó é banhado pelos rios Itapecuru, Codozinho, este morto em consequência da instalação da fábrica de cimento do Grupo João Santos⁶; riacho Água Fria, extinto, servindo de canal de esgoto para a cidade; o Gameleira, que deu origem ao povoado do mesmo nome; o Roncador e o Saco, que dão origem também aos povoados do mesmo nome. Pode-se perceber a grande quantidade de rios que cortam o município, que evidenciam a importância das terras e, como consequência, as disputas que se travam contemporaneamente por elas. Nesse contexto, merece destaque o rio Itapecuru, que atravessa o município de norte a leste.

Codó é conhecida também como a capital mundial da feitiçaria, a cidade da magia negra, a terra do feitiço, Meca da macumba maranhense, do terecô, dos pais e mães de santo, das benzedadeiras. Codó chama a atenção por essas várias adjetivações, muito utilizadas pelos meios de comunicação como TV Bandeirantes, Revista Parla, Revista Trip, Revista National

⁶ Esse grupo implantou-se em Codó a partir de 1970, quando então passou a fabricar cimento através da Itapecuru Agroindustrial.

Geographic e Rede TV⁷.

Essas adjetivações dão a magnitude da presença das religiões de matriz africana, o que, ao nosso entender, reafirma o município de Codó como grande receptor de africanos. Vale ressaltar que, da forma como são veiculadas por tais meios de comunicação, essas religiões de matriz africana são tratadas mais fortemente como algo pejorativo, e não propriamente como uma caracterização no sentido de valorizar e proporcionar visibilidade a esse município, que tem como marca a presença do africano como principal elemento na composição de sua população e de sua cultura.

Considerando-se os dados do IBGE 2010, o município possui 118.038 habitantes, destacando-se como um dos mais populosos do Estado.

Sendo: população rural 36.993 habitantes

população urbana 81.045 habitantes

Tendo como base a religiosidade da população codoense, o IBGE apresenta os seguintes dados:

São: 98.439 católicos

13.162 evangélicos

650 terecô/umbanda/candomblé

3.921 sem religião

A cidade tem 300 terreiros, embora 98% dos seus 118 mil moradores se declarem católicos⁸.

Conforme levantamento feito em 2014, pela Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão, Terecô, Umbanda e Candomblé de Codó⁹ são 282 terreiros, assim distribuídos:

Sendo: 281 de terecô;

01 de candomblé Nação Queto;

Constam também: 118 quartos de rezas de pais e mães de santo;

75 rezadeiras (entre zona urbana e zona rural).

Africanidades codoenses

⁷ LINDOSO, Gerson Carlos Pereira. O Pai-de-santo dos Políticos: Bitá do Barão na Cidade de Codó, capital mundial da feitiçaria!? In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sérgio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araújo. (org.) *Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil*. São Luís: EDUFMA/FAPEMA, 2012. p. 358-359.

⁸ Codó, no Maranhão é terra dos pais de santo. *O Globo*, 6 abr. 2013.

⁹ Dados Comunidades de Matrizes Africanas. Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão: Terecô, Umbanda e Candomblé de Codó- Maranhão, junho de 2014.

Em Codó, tendo como referência as comunidades afro-maranhenses estabelecidas, totalizam um número de 56, conforme dados do Ministério de Desenvolvimento Social¹⁰, e esses dados evidenciam a grande presença de territórios que têm sua origem nos povos afrodescendentes. Ainda nesse sentido, os levantamentos do Projeto Vida de Negro (PVN) e da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH) apresentam 04 (quatro) territórios em Codó, o maior número em todo o estado, intitulados “Terras de preto”, expressão utilizada pelos próprios moradores para denominar o território onde habitam e cultivam¹¹. Esses números são reveladores e afirmam as africanidades codoenses, não no sentido essencialista, como nos estudos que começaram a surgir, principalmente nos anos 1930, com a geração que concentrou seus estudos primeiramente na cultura afro-brasileira¹², pois, conforme Bhabha, “Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro”¹³. As culturas são resultantes do hibridismo de várias culturas.

Percebe-se essas africanidades também na religiosidade praticada pelos sujeitos, uma vez que Codó reúne vários terreiros que misturam as influências africanas, indígenas e católicas, uma demonstração do caráter não essencialista da formação cultural das práticas religiosas do seu povo, mas uma formação de caráter híbrido visível contemporaneamente.

Esse caráter se afirma com as várias manifestações religiosas ali encontradas, como a umbanda, o candomblé, o tambor de mina, o terecô, tambor da mata e mais recentemente a quimbanda. Nota-se a seguir no depoimento de Augusto¹⁴ o verdadeiro mosaico das religiões de matriz africana em Codó,

No culto do candomblé se encontra alguns elementos do terecô e da umbanda, na umbanda se encontra algumas coisas, o camarada da umbanda que ele diz que é de Xangô, que é de Oxalá. Quem é de Xangô e Oxalá é do candomblé. No culto de candomblé você vê, quando fecha o culto e abre pra convidados, lá está a presença dos caboclos, dos encantados, dos voduns, é uma confusão, mas isso é de alguma forma positivo porque se reconstrói e se fortalece.

Em seu depoimento, Augusto mostra quão híbridas são as práticas religiosas em Codó. Ao dizer que “*é uma confusão*”, ele mostra que, a partir da religiosidade, é possível notar esse fluxo migratório, o encontro com os nativos e suas culturas, forjando, desde então,

¹⁰ Levantamento de Comunidades Quilombolas. Disponível em:

http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cadastro_unico/levantamento-de-comunidades-quilombolas.

Acesso em: 23 out. 2020.

¹¹ Projeto Vida de Negro (CCN-MA e SMDH) 1988 a 2007.

¹² HEYWOOD, Linda M.(org.). *Diáspora negra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.14.

¹³ BHABHA Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Trad. Miriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 71.

¹⁴ Codoense, ativista do movimento negro local, foi secretário de cultura e igualdade racial na gestão (2013-2016).

o que se pode hoje definir como identidades culturais codoenses, compreendendo identidade na perspectiva de Hall, ou seja:

[...] identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de história e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode construir um “posicionamento”, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade ¹⁵.

Nessa direção, pode-se contar com o depoimento de Machado, um codoense de corpo, alma e coração, um jovem de cabelos brancos, curioso e investigador das coisas de sua tão amada cidade Codó. Segundo ele, “Três elementos distintos imprimiram os seus caracteres étnicos na formação da sociedade codoense: o índio, a raça negra e a raça branca, esta representada pelo colonizador português e pelos sírios.”¹⁶

Contribuição nesse sentido vem do Sr. Ubirajara¹⁷ que demonstrou seu conhecimento sobre a História do Brasil e sobre a origem de Codó, e, segundo ele, “aprendeu com seus familiares, transmitido oralmente pelos mais velhos”. Conforme seu depoimento, registrado a partir de um diálogo com este pesquisador, sob o rufar dos tambores e sob as árvores que rodeiam a “Tenda de Santa Bárbara e Glorioso Santo Antônio”, por ocasião da festa de Santo Antônio, numa noite enluarada, entre os dias 12 e 13 de junho de 2014, em Santo Antônio dos Pretos. Em seu depoimento, os africanos aparecem como protagonistas, inseridos a partir de suas chegadas à região onde hoje se localiza Codó. Ressalte-se o conhecimento do depoente acerca dos fatos da história, um aprendizado que, segundo ele, se deu na sua própria experiência de liderança política, na comunidade. Assim ele nos diz,

O Brasil quando foi colonizado pelos portugueses, foi trazido os negros de várias regiões da África né. A África é um continente muito grande, e eles foram trazidos de várias regiões, e esses negros chegando aqui no Brasil, eles foram divididos em vários estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, na Bahia, Ceará e o Maranhão.

Chegando no Maranhão, eles chegaram até aqui no município de Codó, nesse tempo ainda não era cidade, era um povoado, vieram de barco, de vapor, e esse vapor ao encostar no cais pra desembarque favoreceu a fuga de cinco negros e esses negros entraram no mato e procuraram sempre a margem do rio Codozinho que era pra poder tirar o sustento no período da vivência deles e eles chegaram e ficaram aqui na Serra do Cipó, assim dizia meu padrinho, que era o mais velho, quando chegaram aqui os pais deles contaram, nesse período de 1776. (o rio Codozinho passa aqui próximo).

Aqui no povoado não existia casa, era tudo deserto, só a mata. O povoado era chamado de Nazaré, daqui a 6 km. Então aqui era só animal selvagem e eles e índios, tinha índios na época. Eles viveram aqui aproximadamente 15 anos sem que ninguém soubesse que eles estavam aqui. Eles viviam de frutas, peixe, do cultivo que eles faziam da mandioca, eles plantavam mandioca, se alimentavam disso. Até que aconteceu a abolição em 1888 e com a abolição alguém desconfiou que aqui existia, vieram, fizeram pesquisa, descobriram. Quem descobriu era um moço que

¹⁵ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p.409.

¹⁶ MACHADO, João Batista. Codó, histórias do fundo do baú. Codó: FACT/UEMA, 1999. p.50.

¹⁷ Liderança comunitária e espiritual de Santo Antônio dos Pretos.

era intermediador dos escravos aqui, chamado Luís Henrique, o Pau Real, e Ladislau Nunes, que era um português, eles vieram e pesquisaram e encontraram negro e descobriram que eram negros fugidos da Fazenda Salva Terra. Eles vieram pra ficar na Fazenda Salva Terra, mas nem chegaram, que é ali no km 17, ali não tinha a BR, era uma fazenda que eles produziam rapadura, cachaça, plantavam muita cana, esses negros era para essa fazenda e não deu outra, eles ficaram aqui. Com a descoberta deles, já tinha acontecido a abolição e eles fizeram a doação dessa área aqui, simbolicamente, não deu documento, só disseram que a área era pra eles viverem e usufruto de criar filhos e netos, que era uma área que ninguém ia tirar deles, e assim eles ficaram desde 1900 até em 1943, eles ficaram aqui. Nesse período eles ficaram aqui de comum acordo, não tinha conflito, não tinha nada.

Nota-se, nesse depoimento de Ubirajara, uma forma de legitimar o território ocupado pelos africanos, reafirmando o depoente anterior Machado¹⁸, ao dizer que “o grande fluxo de negros pra Codó foi a partir de 1780 em diante e quem trouxe mais negros pra cá foi Pau Real¹⁹, ele chegou ao ponto de ter 6.000 negros”, números que confirmam o grande fluxo de africanos para as terras codoenses. Ainda é Machado que, com um olhar na contemporaneidade, ressalta a presença muito grande do negro na cidade de Codó ao dizer: “Fico sentado aqui e observo: passa 10 negros para passar um branco” e fala-nos também da importância do africano para a sociedade codoense, quando diz que: “a contribuição do negro foi muito grande e ele trabalhou muito” e percebe como a discriminação ainda permanece, pois, segundo ele, “ainda hoje é inferiorizado socialmente, economicamente”, mas nota que mudanças vêm ocorrendo quando diz: “eles estão se levantando agora”.

A valorização do negro se dá pela luta secular contra a opressão e mais recentemente com a implementação das leis, quais sejam: o Artigo 68 ADCT, Constituição Federal de 1988; Decreto 4887/2003; Lei de cotas nas Universidades; Estatuto da Igualdade Racial; Lei 10639 e Lei 11645, apenas para mencionarmos algumas, assim como as políticas públicas implantadas pelo Governo Federal, principalmente a partir 2003 com a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder, com políticas voltadas à população afrodescendente, como resultado das lutas impetradas pelo movimento negro contemporaneamente, sobretudo a partir dos anos 1970.

Contudo, a invisibilidade da população afrodescendente em setores importantes da vida codoense ainda é muito grande. Chama a atenção, nesse sentido, o depoimento de Augusto, pois, segundo ele,

Aqui no município de Codó, embora a gente tenha 80% da população eminentemente negra, você percebe mesmo olhando pra população codoense que é uma população negra.
Mas quando você vai buscar a questão da distribuição de renda, da ocupação dos

¹⁸ MACHADO, João Batista. Codoense, escritor e investigador das histórias de Codó. Depoimento concedido em sua residência em junho de 2014.

¹⁹ Trata-se de um dos primeiros escravocratas de Codó.

espaços, mesmo no mercado de trabalho, não diria só espaço político, espaço político nem se fala, mas no mercado de trabalho, você começa ver que tem alguma coisa errada. Recentemente fizemos um trabalho pra identificar empreendedores negros, porque existe uma linha de crédito específica para empreendedores negros e a gente quer fazer com que os negros se apropriem disso. Nessa pesquisa que a gente fez aqui, nós descemos o centro comercial de Codó, que é a rua Afonso Pena, e nós nos deparamos com a seguinte situação: do início até o final, nós não encontramos nenhum empreendedor negro. Quer dizer, no centro comercial de Codó, se você não encontra tem alguma coisa errada. Encontra muito o negro, mas o negro empregado, o negro comerciário, que presta serviço. Mas o negro empreendedor, o dono do empreendimento você não encontra. Isso é na indústria, isso está no hospital, isso está... Professores, existe um bom número de professores negros, também não poderia ser diferente.

O que se faz presente nos depoimentos, tanto de Machado quanto de Augusto, é a menção à grande presença do negro na população codoense, mas ainda em uma condição subalterna, apesar dos significativos avanços conquistados nas últimas décadas, conforme anteriormente citados. Augusto, ao dizer que “tem alguma coisa errada”, chama a atenção para o lugar que o negro ocupa ainda hoje, apesar de Codó ser uma cidade “eminente negra”, como ele mesmo menciona.

Percebe-se, com os depoimentos, a presença dos africanos desde o início do povoamento, como principal elemento na composição da população codoense. Ubirajara apresenta a resistência do africano à escravidão, o negro sendo senhor da sua própria vida, dando uma ideia da formação inicial de quilombos, em Codó, desde que aportaram por lá os primeiros africanos.

Assunção, ao tratar da Guerra da Balaiada, afirma: “quanto às origens da revolta, mostram como as lutas dos quilombolas na área de Codó (Distrito do Urubu), durante o ano de 1838, antecederam a eclosão da Balaiada”²⁰. Tal afirmação vai ao encontro do que Ubirajara menciona sobre a resistência dos africanos contra a escravidão, ou seja, uma organização que antecede inclusive a Balaiada, maior revolta que aconteceu envolvendo tanto os escravizados quanto outros segmentos sociais oprimidos.

Curioso, e não se poderia deixar de mencionar, são os vários significados atribuídos a Codó: “codorna” ou “codorniz”, ave que povoava a região; “atoleiro”, “brejo”, ou “lugar de charco”, em virtude dos alagamentos provocados em épocas de cheia pelo rio Itapecuru. Conforme Ferretti²¹, atribui-se também a origem do nome a Kodok, povoado situado no estado do Alto Nilo, a nordeste do Sudão do Sul, África, região de onde foram trazidos muitos africanos para o Maranhão.

²⁰ ASSUNÇÃO, Matthias Höhrig. Prefácio. In: Documentos para a história da Balaiada. Org. Maria Raimunda Araújo. São Luís: Edições FUNCMA, 2001. p.11.

²¹ FERRETTI, Muncicarmo. *Encantaria de “Bárbara Soeira”*: Codó capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001. p. 97.

Centriny nos diz que “afirmam os pesquisadores que da maioria dos negros que chegaram ao Maranhão, no final do século XVIII, uma grande parte destes foi levada para Codó para trabalhar na agricultura da região. Vieram do Sudão Setentrional Africano, onde fica localizada a cidade de Kodok, uma das hipóteses prováveis sobre a origem do nome da cidade de Codó”.²²

O mapa do Sudão do Sul a seguir apresenta essa região africana, onde se localiza a cidade de Kodok, inserida na região da África Central,

Mapa 2: Sudão do Sul



Fonte: Disponível em: http://www.suapesquisa.com/paises/sudao_do_sul/

Diante de tantas controvérsias, e todas fazem sentido, pode-se perceber que o próprio significado do nome do município se constitui de forma híbrida, o que reforça essa “África sertaneja”, aqui apresentada, portanto, uma característica peculiar de Codó, que tem em sua formação, além da grande quantidade dos povos de África, os portugueses, os sírios e

²² CENTRINY, Cícero. *Terecô de Codó: uma religião a ser descoberta*. São Luís: Zona V Fotografias Ltda, 2015. p. 27.

os libaneses²³, que se juntaram aos nativos da região, levando à constituição das identidades da sociedade codoense na atualidade. Dessa forma, ressalta-se que não se trata aqui de uma forma essencialista de conceituar identidade, muito menos do resgate de uma cultura africana pura, mas sim, como diz Gilroy, “sobre a inevitável hibridez e mistura de ideias”, portanto, trazendo “um vasto acervo de lições quanto à instabilidade e à mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas”²⁴.

Embora a cultura sudanesa tenha sido predominante no Maranhão, para cá também vieram os Bantos, exercendo forte influência na religiosidade, como é o caso do Terecô, muito praticado, sobretudo no município de Codó, de onde se atribui sua origem, e daí espalhando-se pelo Maranhão e outros estados. É o que diz Ferretti,

Embora se saiba que o Terecô se originou de práticas religiosas de escravos nas fazendas de algodão de Codó e de suas redondezas, sua matriz africana ainda é pouco conhecida. Apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, sua identidade é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cabinda), e sua língua ritual é, principalmente o português²⁵.

Religiosidades: contextos e paradoxos

Sabe-se que Codó é a meca das religiões de matriz africana hibridizadas, apresenta um grande número de terreiros e tendas para consultas espirituais, como declara Senzala²⁶:

Hoje aqui dentro de Codó, tem cerca de 400 pais e mães de santo, mas veja bem, tu vai pegar aí 280 pais e mães de santo que tem terreiro, aí tu vai pegar uns 120 e poucos que é pai é mãe de santo mas não tem seu terreiro, mas tem seu quarto onde faz sua fé, suas obrigações. Então hoje a gente tem aí esse levantamento tudo certinho, tanto da zona urbana, quanto da zona rural, embora terreiro mesmo você chega a 288, então dentro de Codó tem um leque de riqueza, muito grande.

Os dados acima mostram a grandiosidade das religiões de matriz africana, expressada em números, conforme pesquisa feita pela Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão Terecô, Umbanda e Candomblé de Codó-MA. Mas vale lembrar que isso vai além dos números, como mostra Francialdo²⁷, em seu depoimento a seguir,

²³ Data de 1780 as primeiras levas de africanos que lá chegaram; por volta de 1854, com a fundação da Colônia Petrópolis, chegaram portugueses; e finalmente a chegada dos sírios em 1887.

²⁴ GILROY, op. cit., p. 30.

²⁵ FERRETTI, M. Religiões afro-brasileiras: terecô, tambor da mata e encantaria de Barba Soeira. In: CARREIRO; FERRETTI; SANTOS (org.). op. cit., p. 296.

²⁶ Um dos fundadores da AUCAC – Associação de Umbanda e Candomblé de Codó e Região –, envolvido com as questões relacionadas aos sujeitos da religiosidade de matriz africana, trabalha para que esses sujeitos tenham conhecimento e participação nas políticas públicas.

²⁷ Militante do movimento negro e filho de santo. Grande conhecedor das nuances das religiosidades de Codó

explicando, de forma que se possa perceber, o hibridismo religioso, apresentando Codó em uma perspectiva da diversidade religiosa:

Então Codó é muito complexa, muito diversificada é muita mistura... é tudo num lugar só, isso é muito gostoso, bacana, eu vejo isso como uma coisa até positiva, essa coisa do diferente mais que ao mesmo tempo é a mesma coisa, mas que na verdade não é. Essas entidades, esses espíritos convivem, todo mundo se fala. Dos pais de santos de Codó, ou melhor, do povo da religião de matriz africana a grande maioria frequenta a Igreja Católica, vai a missa pra batizar uma criança, as vezes a criança só é batizada na Igreja Católica, as vezes nem batiza no terreiro, mesmo sendo filho de santo. Pra falar de Codó, você precisa ter uma visão além do Cristianismo, além do terecô, além do candoblé, além da umbanda, além da mina, que também é presente em Codó. Em Codó o que predomina é a umbanda e o terecô.

Mãe Iracema²⁸ também menciona essa grandeza, apresentando os vários terreiros que conhece, ao dizer que:

Aqui tem terreiro que você se perde dentro do Codó, aqui é difícil ter uma rua pra não ter um terreiro, porque ali pra baixo tem o Mundiquim, aí morreu, a Dona Socorro, uma que tinha mais pra cá morreu, tinha seu Júlio, morreu, tem o do Pirulito só pra li pra baixo, o finado Domingos Paiva e aqui na rua São Raimundo tinha outro, [...] Aqui tem muito terreiro, só os que a gente conhece, fora os que nós não conhece, não frequenta.

Esses dados são reveladores do quanto a religiosidade de matriz africana tem forte presença no município, conforme os dados da Federação, e também com base nos depoimentos acima citados.

Muitas são as controvérsias ao se tratar da religiosidade de matriz africana em Codó, várias são as memórias de um tempo passado, mas que, de certa maneira, ainda estão presentes, como nos diz Benjamin: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato ele foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”²⁹. A atenção deve ser especial ao se tratar da memória religiosa em Codó, pois, a partir dela, vê-se o emaranhado da sociedade codoense, ontem e hoje, ou seja, as tensões, as disputas, as lutas que emanam desse universo muito presente na cultura do seu povo.

Ainda nesse sentido, revela Augusto, em seu depoimento a seguir, ao mencionar o quanto as pessoas de Codó omitem suas práticas religiosas relacionadas à matriz africana,

Mas é muito estranho que num município negro como Codó que tem 180 terreiros, você chega lá na escola e você encontrar autoidentificados todos católicos e evangélicos e muitas vezes nenhum religioso de matriz africana, é muito complicado. Você chega num município como Codó e diz: tem 200 terreiros, tem gente que diz que tem 300 terreiros. Quando tu chega aqui, se tu for fazer uma

²⁸ Mãe de santo, herdeira de Maria Piauí, que teve grande importância para o respeito e o reconhecimento das religiões de matriz africana em Codó.

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.224.

pesquisa por amostragem, tu não encontra esse povo. Eles se autoidentificam como católicos e alguns ainda dizem: eu sou católico, eu me batizei foi na Igreja Católica. Mas aí quando tá lá no terreiro ele é um médium e incorpora o caboclo, o encantado, mas ele não assume aquilo ali como religião, ele prefere dizer que é católico, muitas vezes nem é praticante é só batizado mesmo na Igreja Católica, mas nunca foi numa missa. Frequenta o terreiro, faz as obrigações do terreiro e se autoidentifica como católico. São coisas que precisam ser trabalhadas gradativamente ao longo do tempo.

A partir daí, cabe a indagação sobre as razões para que tão poucos se autodeclarem adeptos de uma das mais fortes manifestações religiosas de Codó. Identificar-se católico demonstra dificuldade em assumir a matriz africana. Talvez seja uma forma de aproximar-se do branqueamento étnico na busca de aceitação social, pois as práticas religiosas não católicas são carregadas de estigmas ligados à negatividade. Então, declarar-se católico talvez seja a maneira de se sentir aceito socialmente.

Essas experiências, aqui traduzidas em lutas, resistências, permanências e trocas culturais, têm se dado de forma intensa em Codó, como se percebe nos vários depoimentos. Conforme Augusto, pode-se notar as permanências do racismo travestido de intolerância:

Aqui em Codó ainda existem atos de intolerância sim. Quando se posta qualquer coisa sobre a religião de matriz africana, há sempre uma ou outra pessoa que faz comentários nos blogs e etc., tentando inferiorizar. Isso existe. É possível ver isso nos blogs...
O pessoal evangélico, agora mesmo final do ano o Bitá do Barão³⁰ fez uma previsão de como será o ano tal, aí comentaram: "esse aí não sabe de nada, queria que ele me dissesse qual é o número da mega sena" não sei que...

Muitas vezes, as questões do tempo passado são também questões do tempo presente, fazendo perceber situações vividas e que ainda vivem os sujeitos. Os depoimentos a seguir narram as permanências, as tensões, as resistências vividas pelos sujeitos praticantes das religiões de matriz africana, conforme relata Mãe Iracema sobre o início do tambor em Codó:

Maria Piauí³¹ começou fazendo os tambozinho dela de latada, no meio da rua, a polícia dava em cima, falava ela não atendia, mas sempre ela tinha saber, e assim ela dominou Codó. Ela foi que acalmou Codó, porque aqui era perigoso, assim pra tambor, não queriam aceitar. Nesse tempo o tenente daqui era um senhor chamado Vitorino, era brabo, vinha com a polícia. Ele dizia: para o tambor! Ela dizia: não paro! E aí começava o tambor e ela botava eles pra rodar também, e era assim que ela contava as coisas pra nós, ela contava muita coisa boa.

Nessa fala estão presentes as tensões e as lutas pela conquista de espaços para a prática e pelo respeito ao culto.

³⁰ Renomado pai de santo, uma das figuras de grande destaque no universo da religiosidade de matriz africana, com projeção nacional e internacional.

³¹ Piauiense muito respeitada em Codó, introduziu a umbanda e lutou pela prática desse culto.

Um dos episódios marcantes dessa luta em defesa dos cultos foi relatado no depoimento, também de Mãe Iracema, ao mencionar a repressão policial e mostrando a força de Maria Piauí:

Eu não cheguei a correr da polícia, mas ainda alcancei muitas delas aqui que correram, essas já tudo se acabaram, era a Maria Antuninha, era a Joana, era Paula esse povo mais antigo, essas daqui quando a polícia pisava ali, que nesse tempo não era assim murado né, só via nego correndo ali pro fundo do quintal, eu não porque eu era nova, sabia que eles não ia mexer comigo...

Chegava era só pra acabar com a festa, se não parava falava de prender a gente, botava um papel bem aqui, ainda hoje tem a coluna aqui, ele apregava um papel bem aqui, onde tem esse buraquim, que era marcando o horário do tambor, ela dizia: óia, eu não pago licença, eu não ganho dinheiro, eu faço é gastar e meu tambor eu toco até de manhã se eu quiser...e tocava mesmo. Eles queriam que fosse até duas horas...ela dizia: no meu tambor vocês não vão me governar não, na minha casa quem manda sou eu...não conversa não com o rapaz, ou tu vai te embora daí, ou tu vai entrar aqui pra baiar...mamãe era danada.

Novamente, com esse depoimento, vê-se a resistência e a luta de uma das primeiras mães de santo de Codó, muito respeitada ainda hoje na memória das pessoas, pois lutou bravamente na defesa de sua religião.

No que se refere à memória da prática dos cultos e de como eram as manifestações da sociedade em relação aos praticantes, tem-se, na fala de Mãe Nilza de Odé³², um panorama enfrentado por ela e muitos outros. Assim ela diz:

eu não gosto de tá assim no meio de muitas aglomerações, muita coisa... até porque tinha aquele preconceito, e tem. Quando eu fui pra casa de Mãe Antuninha, no trabalho, aonde eu vivia trabalhando, que eu era zeladora de colégio, muita gente dizia: Nilza, sai disso menina, não vai, isso é coisa do sataná, isso é coisa não sei de que... Você sabe que quando a pessoa não tem esclarecimento, cai naquele dito do povo, então muitas vezes eu embarquei naquilo, aquela dúvida prevalecia e coisa, meu Deus...af eu fazia promessa com Deus, com os santos, que eu sou devota de Nossa Senhora...

Ao ser inquerida sobre a frequência às missas e sobre sua relação com a Igreja Católica, ela afirma:

Eu ia muito, mas aqui em Codó houve uns problemas com outros pais de santo, não foi comigo. Mas houve, os padres, as beatas de igreja com aquelas coisas que não deveria acontecer, então eu me retraí...assisto na televisão a missa porque eu gosto de assistir e as vezes quando eu vou a São Luís, na igreja da Conceição eu vou lá, rezo se tiver celebrando a missa eu assisto... aqui eu não vou, faz muito tempo que não vou. Aqui o lugar é muito atrasado pra umas coisas e adiantado pra outras. Então essa questão religiosa nós somos muito maltratados, ainda hoje nós somos e principalmente aqui.

³² Mãe de santo, está à frente do terreiro de candomblé, um dos poucos, e cuja prática religiosa não possui muitos adeptos em Codó.

O depoimento de Mãe Nilza de Odé demonstra que ainda há um preconceito velado com os praticantes das religiões de matriz africana.

Em diálogo com Mãe Iracema, em seu terreiro, ao verem os vários santos católicos dispostos em um altar, foi-lhe perguntado sobre a origem deles. Ela mencionou que a maioria foi trazida de Canindé-CE, pois Maria Piauí, todos os anos, ia para o festejo de São Francisco de Assis, e que

Todos os santo são batizado pelo *pade*. Quando tirava ali da casa dos milagres, que é onde a gente compra eles lá, - (diz que faz mal a gente dizer que compra)- , troca!, ai ela já trazia pra igreja e o *pade* batizava, porque os *pade* daqui do Maranhão são cheio de novela...é de terreiro de macumba eles...ainda hoje aqui acolá eles tem preconceito, muitos deles nem liga tem uns que vem olhar o tambor aqui...o mais assim, assim que tem aqui é o *pade* José, da Igreja de São Pedro, que ele é meio assim... e o *pade* da Igreja da matriz de Santa Rita, eles são assim, num fala mais como era... porque, de primeiro, em vez de pregar a palavra de Deus ia se incomodar com nossa vida, agora não...não se mete muito... de primeiro eles não aceitava, quem dançava tambor ser *padrim*, tinha tudo isso aqui em Codó, agora não. Hoje todo mundo vai lá, vem cá, é assim...

Mãe Iracema deixa claro em sua fala que ainda há preconceito por parte de alguns religiosos, mas que já melhorou muito.

Ainda nessa mesma vertente, também falou Bita do Barão, um dos mais conhecidos e respeitados pai de santo de Codó, ao afirmar a dificuldade que havia para a prática da religiosidade, dos cultos, pois

Pra dançar pra nosso santo nós tinha que ir pra Lagoa do Pajelero, ali pra baixo da Igreja Católica de Santa Rita e Santa Filomena. Nós íamos fazer nossas reuniões lá dentro dos matos, debaixo dos paus, escondido da polícia, pegavam queriam bater até de cinturão. Foi meio difícil, mas estamos mais ou menos. Eu fiz com que as pessoas nos aceitassem, eu acho que eu lutei muito, eu acho...com o povo, depois comecei a ter nome e fui crescendo, o Bita era pequeno mas o nome cresceu.

Com relação à atitude da Igreja Católica para com os umbandistas, Bita afirma que:

Codó tem muita fama, mas foi difícil chegar a isso, sofremos muito, humilhação, preconceitos, mas hoje nós estamos com a situação na mão e temos o direito de entrar em todo lugar. Ainda me lembro uma vez que eu fui pra ser padrinho e não pude ser padrinho na Igreja Católica. Eu disse então nós temos que ir a São Paulo fazer uma reunião pra gente batizar e tirar o batistério, e fiz. Hoje acabou, já pode umbandista entrar e ser batizado, poder ser padrinho, na Igreja Católica.

Pode-se notar no depoimento de Bita, a seguir, que, apesar de todos os preconceitos, as relações entre as duas religiões têm melhorado:

Quando eu me entendi no santo, os católicos não queriam. Hoje não, todo mundo é junto, é padre, é freira, todo mundo vem na minha casa, gostam de me ouvir, meus meninos estudam nos conventos. Graças a Deus, eu vivo muito bem, obrigado Jesus! Em agosto eu inaugurei um altar, que nós chamamos tronqueira, dentro da minha casa, da residência e convidei um padre para benzer. Ele veio numa boa, falou muito, me benzeu...

Os depoimentos aqui utilizados são importantes à medida que demonstram lutas, não lutas do passado, trazidas pela memória dos depoentes, mas lutas que também são do tempo presente.

Apesar das situações de intolerância ainda vividas pelas religiões de matriz africana em Codó, não se podem desconsiderar as várias conquistas, como a estabelecida na Lei nº 1553, de 18 de agosto de 2011, que “Dispõe sobre o reconhecimento dos Terreiros das religiões afro-brasileiras, como irradiadores de políticas públicas e cria o Conselho Municipal Inter-Religioso, e das outras providências”.

No Parágrafo primeiro, consta que para o efeito desta Lei, reconhece-se:

I – o respeito da sociedade codoense à existência dos terreiros de umbanda, candomblé, terecô e outras religiões de matriz africana;

II – as sacerdotisas e sacerdotes das religiões de matriz africana, assegurando-os a respeitabilidade e legitimidade social das funções por eles (as) desenvolvidas, garantindo seu livre acesso a cemitérios, hospitais e presídios, nas mesmas condições dos demais representantes religiosos;

III – a importância das tradições de matriz africana, manutenção e conscientização da saúde física e mental das pessoas e comunidades em seu entorno;

IV – a importância da participação das religiões de matriz africana no cenário político e social do município;

V – a transmissão oral do conhecimento dos terreiros, pela vivência e experiência, apoiando e incentivando as práticas dos benzedores (as), parteiras e rezadores (as), curandeiros (as);

A referida lei é uma grande conquista da população afro-codoense, no que diz respeito sobretudo às suas práticas religiosas, suas tradições e conhecimentos, que são muito vivos em Codó, com reconhecimento nacional e até internacional.

Terecô e seu hibridismo

O terecô, uma das manifestações mais praticadas em Codó, é resultado da diáspora vivida desde os tempos em que ali confluíram africanos. Esses se juntaram às

práticas religiosas dos nativos, resultando no terecô, uma manifestação religiosa tipicamente codoense, conforme apresenta Ferretti em seus estudos, quando diz que,

Tudo indica que o Terecô se organizou primeiro em povoados negros de Codó e de municípios vizinhos, mas só se tornou mais conhecido depois que se desenvolveu na cidade de Codó. Segundo Costa Eduardo, em 1943, no povoado de Santo Antônio dos Pretos, o Terecô era mais conhecido por Pajé ou por Brinquedo de Santa Bárbara, e, as vezes, era também denominado Budum (vodum) e Nagô, o que sugere um sincretismo afro-católico-ameríndio maior do que o que já fora constatado no Tambor de Mina³³.

A historiografia tem dado conta de que o grande contingente de africanos trazidos para o Maranhão, a partir dos séculos XVIII e XIX, fez parte do projeto colonizador de Portugal para com sua colônia americana, colocando em prática a diáspora que envolveu essas várias culturas, fazendo com que as histórias desses povos fossem as histórias de todas as culturas.

Nesse movimento, impulsionado pelo Atlântico, o Maranhão recebeu as várias culturas africanas, que se embrenharam nas fazendas de algodão e junto a isso prosperaram, com muita fertilidade, tanto quanto o algodão. Tal grandeza é proporcional ao número de africanos escravizados na Província, que, naquele momento, correspondia a mais da metade de sua população, pois para cá “vieram mais de 100 mil africanos, sobretudo da Guiné, Dahomeye Angola”³⁴. Apesar da grande quantidade de africanos trazidos para o Maranhão, fizeram-se necessários estudos que dimensionassem mais efetivamente as culturas afro-diaspóricas desses grupos e os ganhos culturais desse movimento.

Afirma-se a vinda dos povos Bantos (Angolas, Congos, Moçambiques), Sudaneses (Nagôs ou Iorubas, Jejes ou Daomeanos, Fanti-Ashanti), Sudaneses Islamizados (Hauças, Tapas, Mandingas, Fulatas), portanto, povos de todas as regiões de África. Estudos recentes apontam que “O Brasil, por exemplo, foi o principal importador de escravizados africanos oriundos da África Central. Durante o período em que este comércio era legal entre África e Brasil, foram importados entre 3,5 e 3,6 milhões de africanos da África Ocidental e da parte ocidental da África Central”³⁵.

Assunção, que se utilizou de dados e estatísticas disponíveis, chegou a um número global de 114.000 africanos deportados para o Maranhão. Se for levado em consideração o

³³ FERRETTI. *Religiões afro-brasileiras...* op. cit., p.298.

³⁴ ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. A memória do tempo de cativo no Maranhão. *Tempo [on-line]*, v.15, n. 29, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042010000200004> Acesso em: 20 out. 2011.

³⁵ HEYWOOD, op. cit., p.19.

tráfico clandestino e, por terra, vindos da Bahia, esse número chega em torno de 140.000³⁶.

Essa aproximação foi importante à medida que revelou a história ainda pouco visível desses povos, no Maranhão e em Codó, sobretudo dos povos Bantos, que se refugiaram no atual Santo Antônio dos Pretos, onde teve origem o Terecô. A palavra terecô é de origem Banto e “significa abençoar, celebrar, comemorar através dos tambores, [...] trata-se de uma religião de matriz africana, talvez a mais antiga religião afromaranhense”³⁷.

Interessante notar que foram essas várias culturas que desembarcaram no porto de São Luís, capital da Província e daí adentram o interior, através da frente litorânea, via rio Itapecuru, e no sertão se encontraram com os vaqueiros, que lá chegaram acompanhando o gado pelas margens dos rios, através da frente da pecuária, e em Codó deram origem a essa “África sertaneja”.

Conforme Ubirajara, ao se referir aos africanos, afirma que “eles chegaram até aqui no município de Codó, nesse tempo ainda não era cidade, era um povoado, vieram de barco, de vapor”. Ressalte-se que a contribuição nesse sentido traz Karasch ao dizer que “Os africanos eram desembarcados em São Luís ou nas redondezas. Aqueles que viajavam pelas rotas fluviais seguiam pelo rio Itapecuru até o rio Mearim, e neste até o extremo sul do Maranhão”³⁸.

Considerações finais

Codó se constitui como um território com profundas marcas da presença do povo africano em sua cultura, vista aqui como todo um modo de vida. Como se pode notar no percurso deste artigo, esses sujeitos não só cultivaram o algodão, o arroz, mas também semearam suas culturas, forjaram suas liberdades, construindo seus territórios, resignificando suas vidas. É na religiosidade onde mais se fazem presentes, embora em tantas outras manifestações vê-se o legado desses sujeitos, na construção de suas histórias, nesse território aqui nomeado como uma “África sertaneja”. Assim como os africanos, outros sujeitos adentraram o Maranhão contribuindo para a ocupação do seu território como fora os vaqueiros, que através do caminho do gado entraram pelo sertão, ocupando vasta região do estado, fazendo contato com a cultura dos nativos, dos africanos proporcionando um hibridismo cultural como resultado desses encontros.

³⁶ ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Maranhão, terra Mandinga. *Boletim Folclore*, Comissão Maranhense de Folclore, n. 20, ago. 2001. p.3.

³⁷ CENTRINY, op. cit., p.27.

³⁸ HEYWOOD, op. cit., p.139.